



PRÓLOGO

Esta é a história da ascensão de um caído.

Há muito tempo, contei-vos a história de uma escolhida que caiu na escuridão. Agora vou contar-vos a história de um rapaz que nasceu dentro dela.

A sua existência era ela própria o produto de gerações de erros. Nasceu numa ilha deserta, ao largo do reino vampírico que um dia viria a liderar. O rapaz cedo aprendeu como sobreviver alimentando-se do sangue de esquilos e peixes, ou dos raros e desafortunados viajantes humanos que se atravessavam no seu caminho. Era pequeno, mas tinha jeito para a morte.

Podia ter passado a vida toda ali, não fosse o facto insignificante de ser um príncipe.

O homem apareceu quando o rapaz tinha oito anos. Chegando à costa, trazia as mãos nos bolsos do seu fato preto, elegante, mas simples, e estudou a cena à sua frente — a floresta pantanosa, o solo encharcado, as ruínas de pedra cobertas de hera.

O rapaz observou-o do seu esconderijo entre os juncos. De imediato soube que aquele homem era diferente de todos os que já conhecera, mesmo que, nessa altura, não soubesse explicar porquê. Devagar, foi-se aproximando, tendo o cuidado de continuar escondido.

Mas o homem nem se mexeu, enquanto um tentáculo de sombra se enrolava na perna do rapaz, arrastando-o para fora.

As costas do rapaz bateram na lama. O homem olhou para ele, descontraidamente; dedos esguios de escuridão envolviam-lhe os ombros, os braços, as mãos.

O rapaz já tinha brincado com magia. Sabia como atrair os jovens pescadores que ocasionalmente vinham àquelas costas, como acalmar os seus medos, só o suficiente para os atrair a si. Sabia como sussurrar palavras de conforto às raposas que domava nos bosques, as que tratava com muito mais gentileza do que aos humanos. Sabia sempre quando alguém o observava, e, de algum modo, as sombras pareciam acabar onde precisava delas.

Mas nunca tinha visto magia assim. Magia com sabor a poder.

— Levanta-te — disse o homem.

Levanta-te. Levanta-te. Levanta-te.

O rapaz já se tinha posto de pé antes de se aperceber do que estava a acontecer.

O homem olhou para o rapaz de cima a baixo, com olhos claros e gelados.

— O rei veio buscar-te — disse.

O rapaz ficou calado, desconfiado. A mãe falava muitas vezes de coroas e reinos.

«És um rei», dizia com uma voz arrastada. «E é o meu sangue que te faz rei.»

O homem agachou-se, graciosamente empoleirado na beira de uma pedra, para ficar à altura dos olhos da criança. Ouviu os pensamentos silenciosos do rapaz.

— O sangue do teu pai também não é de desprezar — disse o homem, divertido. — E ele mandou-me vir buscar-te.

O rapaz tinha sido avisado vezes sem conta dos perigos da sua linhagem. A mãe costumava ler-lhe, antes de adormecer, histórias sobre príncipes assassinados, membros da realeza que tinham nascido bastardos, tal como ele, que morreram pelo crime de serem demasiado fortes ou fracos, de serem demasiado ávidos de poder ou de desejarem evitá-lo a todo o custo.

«És um rei», dizia ela. «Sobrevive o tempo suficiente para assumires a tua coroa.»

Pensou para consigo que devia fugir. Era exatamente contra isto que ela o prevenira.

Recuou. Esperava que o homem se movesse para o perseguir, mas não o fez.

— Podes ir — disse o homem. — Eu espero.

— Vais matar-me.

A voz do rapaz era baixa, fraca, por lhe dar tão pouco uso. Não falava com frequência.

— Não vou matar-te.

O rapaz não acreditou nele.

— Estou a dizer a verdade — disse o homem. — Mas é prudente não acreditares em mim.

O rapaz não sabia como expressar as suas objeções.

— Estás a pensar que há muitas coisas piores do que a morte — disse o homem, respondendo ao que ficou por enunciar. — Muito sábio da tua parte. Sim, rapaz. Falo verdade quando digo que não te vou matar. Mas se, com a verdade fácil, queres as difíceis, também te concedo essas. Se vieres comigo de boa vontade, vou avaliar-te. O teu pai acredita que podes ser um valioso potencial herdeiro. Se provares que assim é, nunca mais vais sentir fome. Dormirás numa cama. Vais beber o mais rico sangue humano. Usarás roupas elegantes. E vais servir a coroa até ao dia em que ela já não precise de ti.

— O que acontece quando já não precisar de mim? — perguntou o rapaz.

— Nessa altura, vai ficar com as partes de ti que forem úteis e descartar o resto.

Não era nenhuma ameaça. Eram puramente factos. O rapaz apreciou-os, apesar do medo que lhe causou um formigueiro nas costas.

— É o que vais fazer agora, se eu fugir? — perguntou.

— Não esta noite. Talvez noutra, se o teu pai der essa ordem. Mas não conheço estas terras tão bem como tu. Talvez consigas fugir para suficientemente longe, rápido o suficiente, para eu te deixar em paz. Talvez, antes disso, o teu pai perca o interesse e me mande regressar, para ir matar outra pessoa. — O homem sorriu. Os seus olhos eram muito antigos, embora o seu rosto fosse jovem. — Mas eu sei que não vais fugir.

Ele tinha razão. O rapaz não ia fugir.

A criança disse:

— O que te faz ter tanta certeza?

— Porque olhas para isto como um vampiro faminto olha para o sangue.

O homem abriu a palma da mão, a sombra a desenrolar-se dentro dela. O coração do rapaz soluçou ao vê-la.

— Não te estou a oferecer uma vida fácil — disse o homem. — Vai ser uma vida avaliada pelo valor do sangue que derramares sobre ela. O teu pai

mandou-me vir aqui e dizer-te que podes ser rei, um dia. Talvez sejas, mas é mais provável que o teu pai te mate antes de te tornares demasiado poderoso, ou os teus irmãos, se ele decidir não o fazer. Vais fazer sacrifícios para além daquilo que a tua mente poderia conceber neste momento, e só há uma possibilidade de uma possibilidade de uma possibilidade de, em troca, alguma vez haver uma coroa sobre a tua cabeça. Mas estou a oferecer-te uma coisa muito mais valiosa do que uma coroa.

O rapaz hesitou antes de perguntar:

— O quê?

— Quando chega a madrugada, escondes-te atrás das cortinas e espreitas o mundo, mergulhado no vermelho do nascer do Sol — respondeu ele. — E, por vezes, até os sentes, não é? Aqueles segredos todos, escondidos na bruma entre a luz e a escuridão. Os livros não são nada, rapaz. Nada. As coisas que vais ver, se aprenderes a seguir este caminho, vão devastar-te e deliciar-te.

— Magia — disse o rapaz, e o homem fungou, de forma súbita e violenta.

— *Magia* — cuspiu. — Qualquer vampiro é capaz de fazer *magia*. Não estou a falar dos dons comuns. Tu cheiras a morte, rapaz. Arranca o teu próprio coração por ela e, em troca, ela dá-te o mundo. Sabes o que significa conquistar tudo o que é desconhecido? Significa uma vida livre do medo. Pensa nisso. *Liberdade*.

O rapaz ficou em silêncio.

O homem apelava a todos os seus sonhos secretos. Sabia que conseguia sobreviver para sempre naquele pedaço ensopado de terra. Mas para quê? Pela próxima carcaça de pescador? O próximo gole de sangue fétido de peixe?

O rapaz não queria glória. Não queria uma coroa.

Queria liberdade.

Os olhos do homem brilharam como estrelas ao anoitecer.

— Então diz-me, jovem príncipe — instou. — Qual é o próximo passo na tua dança?

Alguns momentos permanecem gravados para sempre na memória, mesmo ao longo dos séculos que dura a vida de um vampiro. O rapaz lembrar-se-ia de tudo acerca daquele. E, no entanto, oh, como as sombras mudam sobre o passado, dependendo da luz do presente. Durante anos, o rapaz — o homem, o príncipe, o rei — olharia para aquela como a noite em que fora salvo.

Só séculos mais tarde compreenderia a verdade.

Pensava que o sacrifício tinha vindo sob a forma de sangue e vísceras, e as súplicas que nunca seria capaz de eliminar do interior do crânio. Pensava que o sacrifício tinha vindo sob a forma das marcas permanentes no seu corpo, e das marcas invisíveis na sua alma.

Estava errado.

Compreendeu-o muitos anos mais tarde, quando sentiu o poder dos deuses correr-lhe nas veias, e por fim, só por fim, recebeu exatamente o que o seu mentor lhe prometera naquela noite: luz em todos os cantos escuros do mundo, poder para além de tudo o que pudesse ter imaginado.

E não queria saber de nada daquilo, porque estava a perder o amor da sua vida.

Arranca o coração por ela.

Naquele momento, ouvira as palavras do seu instrutor. Pensara naquele rapazinho. *Volta-lhe as costas*, implorara ao seu eu do passado.

Mas o rapaz aceita sempre as mãos do homem. A morte, afinal de contas, é inevitável.

Esta é a história da ascensão de um caído.

Fá-lo numa série de incontáveis decisões, ao longo dos anos, ao longo dos séculos.

Fá-lo com o desespero de uma alma faminta, disposta a sacrificar qualquer coisa, tudo, por uma oportunidade de redenção.

Mas, no fim, perde-a sempre.



Parte Um
MORTE



CAPÍTULO UM

MISCHE

Como é morrer?

Todos colocaram essa pergunta, mas talvez sobretudo os acólitos, mais do que qualquer outra pessoa. Os acólitos estão obcecados com a morte — talvez por ser, tanto o derradeiro sacrifício, como a maior recompensa, a melhor coisa que se pode oferecer aos deuses e a melhor coisa que eles nos podem oferecer. Nenhum acólito é referido com tanta admiração como os que deixaram esta vida incendiados pelo seu amor por Atroxus. Nenhum deseja morrer na cama.

Eu não morri na minha.

Morri à entrada do submundo, com a arma de um traidor na mão, banhada pelo sangue do deus que me dera tudo. Morri coberta pelas cinzas dos seus restos mortais e pelas queimaduras do seu castigo.

Morri sozinha, a ouvir os gritos do amor da minha vida.

Como é morrer?

Lembrar-me-ia de como se responde a essa pergunta?

Confortara incontáveis almas sofredoras, no meu período como missionária. Fora-nos ensinado que a morte era um fim pacífico para uma batalha grandiosa.

Quando morri, percebi que estavam errados.

Como é morrer?

Quando morri, foi com o sangue do meu deus nas mãos, as súplicas do meu amor nos ouvidos, e o esquecimento da escuridão eterna — não da eterna madrugada — gravado nos olhos.

Quando morri, não me pareceu o fim pacífico de uma batalha grandiosa. Pareceu-me o princípio de uma.



Deitei-me no chão e fitei a mão, levantada à frente do rosto. Por trás dela, as cores dançavam na eternidade do céu. A minha pele era macia e castanha, e cintilava com o ténue pó translúcido da morte.

Continuei a olhar para a mão. Parecia tão viva, e tão, tão morta.

Pestanejei. Fechei os olhos e vi palmeiras, um céu azul, areia branca. Vostis, o lugar que um dia fora a minha casa. O lugar ao qual um dia oferecera a minha alma.

Abri-os.

O submundo estava suspenso sobre mim. Inconfundível.

— Levanta-te — disse a voz.

Afastei o olhar do céu, da mão, para o rosto anguloso do homem debruçado sobre mim. Ele penteou uma madeixa de cabelo longo e claro atrás da orelha e fez deslizar sobre mim um olhar avaliador.

Nunca nos tínhamos conhecido, não cara a cara. Mas claro que o reconhecia. Tinha-o visto em inúmeros quadros. Vira o seu rosto iluminado sobre o horizonte de Sivrinaj, a capital da Casa da Noite. E vira-o ser desfeito pelos soldados Rishan, depois de Raihn o ter matado.

Vincent, o rei vampiro da Casa da Noite que morrera, estendeu-me a mão.

— Levanta-te — disse. — Parece que temos trabalho para fazer.

Fitei-o sem compreender. Para lá dele, um relâmpago atravessou o céu. Só que... não, não era um relâmpago. Estavam sempre a aumentar, a quebrar-se, a abrir-se para revelar ondas de luz e escuridão, luz roxa, preta, azul, verde — a essência das galáxias. Lembraram-me de forma visceral de algo muito familiar, algo que me fazia doer o coração, mas que não conseguia identificar.

As minhas pestanas estremeceram.

Um dia, quando era criança, em Vostis, fui apanhada pela correnteza. Tinha lutado e lutado, mas sempre que a minha cabeça vinha à tona de água, estava um bocadinho mais longe da costa. O que me chocara nesse momento fora o silêncio. Quase pacífico.

Este lugar era assim.

Um lugar enganador e perigoso.

— Mische Iliae. — Vincent agarrou-me no braço, arrancando-me à corrente. — Não podes ir. Ainda não.

Fitei-o, confusa. Atrás dele, as fendas tremularam pelo céu.

Fendas como o Sol a estilhaçar-se, ao cravar uma flecha na garganta do deus que um dia amara.

Fendas como as cicatrizes belas no rosto de Asar.

Asar.

O nome inundou-me. Com ele veio a recordação da voz angustiada e das últimas palavras que ouvira.

«Parem! Preciso dela!»

Foi essa recordação, mais do que a mão de Vincent, que me despertou bruscamente. Atingiu-me uma realidade dura, desorientadora.

Eu tinha morrido.

Que os deuses me ajudassem. *Eu tinha morrido.*

Uma força poderosa sacudiu o chão. No céu, os raios abriram-se, jorrandoz luz, como sangue através de pontos rasgados. Silhuetas de corpos alados deslizaram por entre eles.

Devoradores de almas, pensei vagamente. Eram devoradores de almas.

Mas, ao compreendê-lo, agarrei algo aguçado na minha mente turva e assoberbada.

Os devoradores de almas não deviam estar no submundo.

Uma onda de escuridão passou sobre mim. Senti que o esquecimento me chamava, a verdadeira morte, a oferecer-me um abraço bem-vindo. O Sol chamava-me. O perfume do mar. A paz de um passado mais fácil.

E, oh, estava tão cansada.

Mas Vincent puxou-me para mais perto.

— Se fores, não consigo voltar a encontrar-te. O que estiveres a sentir agora é falso. É uma mentira. Tens *trabalho* para fazer.

Uma recordação da minha irmã passou por mim.

A minha irmã ajoelhada ao meu lado na igreja.

«A morte é a derradeira oferenda. A morte é a paz derradeira. O fim grandioso para a batalha que nos é destinada.»

A minha irmã, na última recordação que tinha dela, um espectro, ajoelhada à frente de Atroxus, a afogar-se em admiração enquanto eu o matava.

Enquanto eu a traía.